

## **ORIENTAÇÕES A ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO CONCERNENTES AO DESENVOLVIMENTO DE COMUNICAÇÕES CIENTÍFICAS: DIFICULDADES E SUPERAÇÕES**

Maria Caroline Galdino Vilela <sup>1</sup>  
Gustavo Rodrigues Rosato <sup>2</sup>

Será relatada a maneira como ocorreu o processo de desenvolvimento de comunicações científicas feitas por alunos e alunas do ensino médio. Para auxiliá-los, foram pensadas atividades de “orientação ao aluno” aplicadas por estudantes de graduação em Filosofia e Ciências Sociais no decorrer de seu percurso no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – ingressantes no subprojeto Filosofia/Sociologia – da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Este projeto, portanto, tem como objetivo ajudar estudantes do nível médio da Escola Estadual Felisberto Alves Carrejo (em Uberlândia-MG) a desenvolver comunicações para o VI Encontro de Pesquisa em Filosofia no Ensino Médio proporcionado pela própria Universidade Federal de Uberlândia. Vale ressaltar que todos os estudantes que se voluntariaram a participar do evento não tinham experiência prévia com comunicações científicas ou com a apresentação dessas comunicações. Isto posto, todo o processo de desenvolvimento do trabalho que, posteriormente, passaria por uma avaliação técnica e, com sucesso, seria apresentado, teria que contar com orientação constante.

Sendo assim, dada a disposição e interesse dos discentes do ensino médio em participar do evento, o qual contempla o ingresso deles, foi pensado um projeto a fim de suprir as demandas dos alunos e das alunas segundo suas dificuldades quanto à execução da comunicação científica. Olhar para as dificuldades dos estudantes vislumbrando a possibilidade de superá-las, que seja em certa medida, parece ser fundamental no momento de pensar como devem ser feitas as orientações, uma vez que as escolas, principalmente públicas, submetidas a uma ideologia dominante, não visam o desenvolvimento da argumentação, do debate e da leitura crítica, visto que, hoje, o ensino básico parece ser um preparatório para o mercado de trabalho. Veja, de nada tem utilidade, tudo isso que foi posto [desenvolvimento da argumentação, do debate e da leitura crítica], para o ensino técnico-profissionalizante, por isso, para que os(as) discentes conseguissem escrever as suas comunicações, foi preciso empenho e algumas estratégias das orientadoras e dos orientadores.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, mariacgldn@gmail.com;

<sup>2</sup> Professor orientador: Mestre, Universidade Federal de Uberlândia - UFU, gustavorodrigues182@gmail.com.

A primeira dificuldade: pensar um tema para o trabalho. A estratégia utilizada para auxiliá-los nessa primeira etapa foi, primordialmente, fazê-los entender que o tema deve partir de algum interesse particular. Assim, rapidamente, alguns se pronunciaram. Para os outros, os quais não conseguiram passar por esse processo de autoconhecimento, foi disponibilizado o material didático da escola com as áreas e temas presentes em debates filosóficos. A partir deste livro, os alunos e as alunas poderiam escolher algum tópico que os interessassem – a fim de, posteriormente, desenvolver seus respectivos trabalhos para o evento de filosofia. Ademais, os orientadores estavam à disposição caso fossem necessárias algumas conversas para superar esse primeiro passo.

A segunda dificuldade: a falta de habilidade quanto à pesquisa de referências confiáveis. Assim, os graduandos orientadores buscaram referências que fossem inteligíveis – para estudantes de nível médio – e confiáveis, a fim de que eles e elas pudessem estudá-las e agregá-las ao trabalho. Inicialmente, a busca por referências foi feita pelos graduandos, mas apenas como incentivo para que os próprios escritores buscassem outros materiais que pudessem também agregar ao trabalho, pois os orientadores consideram os discentes como seres ativos dentro do processo de construção da sua comunicação.

Levando em consideração o uso recorrente de celulares e outros aparelhos tecnológicos, foram disponibilizados, também, alguns conteúdos audiovisuais – que não banalizassem o pensamento original do filósofo ou da filósofa. Veja, há a predileção dos estudantes por formatos que não envolvam ter o hábito de leitura, mas não foram descartados artigos, capítulos de livros e blogs educativos, uma vez que se considera demasiadamente importante o desenvolvimento da habilidade leitura-escrita.

A terceira e última dificuldade: escrever. Os(as) estudantes conseguiam escrever em casa, mesmo que minimamente, mas durante as orientações quase nada vinha à mente. Parece haver desconforto deles quanto à presença do orientador dentro de sala; o sentimento de que estão indo à escola, unicamente para escrever, os amedrontavam em certa medida e, obviamente, o fato de que iriam apresentar o que escreveram em um evento majoritariamente universitário era um agravante para que ficassem estáticos no momento de desenvolvimento do texto. Mas nada parecia assombrá-los mais do que o sentimento de não saber como escrever o que vinha à mente.

Para o primeiro problema elencado dentro da terceira dificuldade, a solução parece elementar: convivência. Houve uma diferença considerável quanto à timidez logo no primeiro dia. Por outro lado, a sensação que os estudantes têm de que os graduandos orientadores são equivalentes a professores também faz com que eles se mantenham acuados – um problema,

pode-se dizer, de cunho histórico, o qual ainda não foi superado até os dias atuais. Veja, o professor ou a professora como detentor ou detentora do conhecimento; como indivíduo a ser temido, parece ser, ainda, uma realidade. Assim, essa imagem, certamente, refletiu sobre os orientadores, mas, aos poucos, foi superada com a convivência.

Quanto ao segundo, terceiro e quarto problema elencado dentro da terceira dificuldade, a solução parece estar permeada pela questão de tornar a escrita um hábito. Escrever, sequer um parágrafo, parecia ser um trabalho penoso, mas essa dificuldade jamais deveria ser atribuída somente ao estudante. “Assumir uma postura política comprometida com um projeto de democratização do acesso ao saber [...] implica criar condições pedagógicas capazes de viabilizar, dentro de limites inevitáveis, uma educação de qualidade para todos” (RODRIGO, 2009, p. 9). Pensar, então, como o ato de escrever – considerando o desenvolvimento de técnicas argumentativas, entendimento de conceitos e a preparação para o debate no dia da comunicação – pode ser fundamental para estudantes de uma escola de ensino público, visto que a maioria deles e delas provêm de estratos sociais menos favorecidos.

Para que os(as) estudantes conseguissem, portanto, desenvolver suas respectivas comunicações, cada graduando orientador ficou responsável por auxiliar um discente do ensino médio. Assim, quando estes estavam com dificuldades, os orientadores traziam ideias que pudessem, com consentimento do discente, agregar ao texto em desenvolvimento. Além disso, foram disponibilizados modelos de comunicações científicas para que junto ao orientador ou orientadora, os estudantes poderiam estudá-los e, posteriormente, aquele modelo poderia auxiliá-los de certa forma. Ainda com relação às dificuldades quanto a pensar argumentos que sustentassem as comunicações, os orientadores adotaram uma dinâmica de questionamento. Assim, no momento em que os(as) discentes se viam perdidos, eram questionados acerca do que eles estavam escrevendo – o que, além de desenvolver neles, mesmo que minimamente, um senso crítico, os ajuda quanto ao desenvolvimento do texto – para que o fluxo da escrita não se perdesse.

O VI Encontro de Pesquisa em Filosofia no Ensino Médio proporcionado pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) no dia 12/06/23 foi um sucesso. Os três alunos e as três alunas que ingressaram nessa jornada de escrever comunicações para um evento majoritariamente universitário foram avaliados e aprovados pela banca examinadora e todos apresentaram suas respectivas comunicações com muita resiliência. Dito isso, esse projeto, que visa orientar estudantes de nível médio para um evento acadêmico – apesar de ser dificultado por questões estruturais de uma ideologia cuja visão é formar discentes única e exclusivamente

para mercado de trabalho –, gerou bons resultados tanto para os orientadores, quanto para os orientandos.

**Palavras-chave:** Orientação, Estudante, Comunicação, Pesquisa, Filosofia.

## **REFERÊNCIA**

RODRIGO, L. M. **Filosofia em sala de aula:** teoria e prática para o ensino médio. Campinas: Autores Associados, 2009.